

LUZ AO POVO

Mensario Operario Comunista-Anarquista

Redacção e Administração

Avenida Sá da Bandeira, 11-2.
COIMBRA — PORTUGAL

Publicação do Nucleo Juventude Anarquista, de Coimbra : : : : :
: : : : : e Grupo Libertario " Novos Tempos ", do Porto

Director — AMADEU DAS NEVES Editor — JOSÉ D'ALMEIDA
(Imposição da lei da imprensa portugueza)

Composição e Impressão

Tipografia de O DESPERTAR
RUA DR. PEDRO ROCHA

No Regimen da Ordem

Dos Novos que pensam a um Velho que manda

" A policia efectuou uma busca na séde da LUZ AO POVO, e após tudo haver revolvido, insatisfeita com a heroica façanha, prendeu, levando-o para um calabouço do governo civil, onde o detêve 7 dias numa rigorosa incomunicabilidade, o nosso dedicado camarada José d'Almeida.

Durante tôdo êsse tempo o editor da Luz viveu sob uma irrespiravel atmosphera de violencia e de tirania, ante os olhos o espétro da deportação, que os senhores da policia, num desejo febril de Ordem, constantemente agitavam. . . "

SENHOR CORONEL!

Foi dito ha pouco tempo, para que a esquecêssemos, essa frase genial que, como um padrão de gloria, ficou a indicar aos pósteros a rijêsa do seu entendimento. O celebre general inglês pedia *money, money and always money*, V. Ex.^a, de aspirações mais modestas, quer apenas *Ordem*.

E é em nome dessa *Ordem*, apregoada pelos governantes há dezenas de lustros, que a policia invade a nossa séde, apreende A BATALHA e suprime A BANDEIRA VERMELHA, encerra sindicatos e fusila trabalhadores, atirando para os antros ascorócos das prisões o escol dos militantes operarios. . .

Dá-nos licença, coronel, que analisêmos de perto um substantivo tam danôso?

A ordem que V. Ex.^a reclama teñde a assegurar a potencia suprema do Estado, garantindo a applicação da Lei, manifestação omnimoda daquela potencia.

Mas o Estado é o inimigo declarado dos trabalhadores, e a organização coercitiva que lhe é propria, os deputados que legislam, os policias que prendem, os magistrados que julgam e os soldados que matam —, tôda essa complicada engrenagem existe para perpetuar a exploração do homem pelo homem, conservando amorosamente o principio monstruoso da propriedade privada para gôso e proveito unico da escassa meiduzia de individuos que insultam a humanidade com as exu-

berancias argentarias dum luxo asiático.

A Lei não garante ao produtor o fruto do seu trabalho — mas permite ao parasita burguês a pôsse do roubo perpetrado sob o eufemismo adormecedor do salariato! A Lei não tolhe nas suas extorsões diarias o comerciante que da sua tenda faz uma caverna de Ali-Babá — mas jugula, sufocando-as á nascença, tôdas as tentativas de rebelião que os consumidores esfomeados esboçam. . . A Lei, que tam morosa e branda se revela quando é mister fazer justiça ás classes oprimidas — torna-se celére, violenta e feroz sempre que perigam as regalias dos potentados do Capital e da finança, descendo então, sem hesitações comprometedoras, a requintes de satânica crueldade!

Sintese visível dêsse ignoto e terrível *Molock* que é o Estado — a Lei tende a conservar pela violencia das armas os privilegios das classes dominantes, e daí a arrogancia provocadora dos exercitos de parasitas que á sua sombra medram e progredem, enxovalhando sem escrúpulos a honra e a dignidade da falange cada vez maior dos rebelados de todas as tiranias.

Essa ordem, que V. Ex.^a defende com o natural calor de quem por ela não foi esquecido, não é nem será jámais a *nossa ordem*, a *ordem anarquista* — que, embora isso pése ás calinaças concepções sociologicas de V.^a Ex.^a, os anarquistas tambem vivem no aneio permanente de uma era de paz e de equilibrio social — a *ordem comunista*.

Pelo contrario, essa ordem, assim iniqua e brutal, essa ordem que se apoia nas carabinas da Guarda e tem como suprêmo argumento, neste seculo livre de dogmas e claro de luzes, os canhões da tropa e os sâbres da policia, essa ordem encontrar-nos-há sempre pela frente, unidos e audazes, fortes na convicção inabalável da grandeza espiritual da Ideia!

Em vão multiplicareis as perseguições, inutilmente os vossos guardas nos crivarão de bálas e os vossos policias alvares deixarão escorrer sobre nós a bába dos seus doestos — *A Anarquia*

— esplendida e viril dar-nos-há força para tudo suportar, e alegremente marcharmos para a cadeia ou para a morte deixando que o coração árda na chama purificadora do nosso amor á Liberdade!

Não sômos novos nestas lides do pensamento, gloriosas lides em que a vitória cabe sempre á Razão, e que o fôssemos, a verdade das nossas ideias e o exemplo dos que nos precederam dar-nos-ia coragem para as mais intrépidas audacias!

Seguirêmos sempre, jovens sindicalistas ou moços anarquistas, na cruzada social que nos impuzemos, e se V. Ex.^a, senhor coronel, está de facto resolvido a aplicar a Lei, defendendo a ordem, terá de prender muito e de matar muito, devendo multiplicar ao infinito as apreensões da BATALHA, as deportações de operarios e as buscas na séde deste pequenino mas já vivo farol que é a LUZ!

Encontrarmos-há pela frente, sempre pela frente, V. Ex.^a ou quem o substituir nas cadeiras giratórias do Podêr, e esta luta constante, ardente e entusiástica, prolongar-se-há até ao momento decisivo em que os anarquistas possam realizar a sua *Ordem* — uma ordem que não tolêra parasitas de casaca e prolétarios em farrapos, *cocottes* de provocadoras *toilettes* lado a lado das anémicas escravas das fabricas e ateliêrs, e que lançará por terra, num gésto ciclopico de redenção, todos os preconceitos e tiranias sociais que há milénios dividem a humanidade, fazendo do Homem, que poderia viver livre e feliz, um animal desgraçado e miseravel.

Essa ordem, a ordem libertaria, já começa a realizar-se, ainda que vagamente, para os ládos do Oriente, e ante este sobêrbo despertar das multidões não tardará que ruam com estrondo formidavel os cárceres e os tribunais, ergástulos de luto e de dôr, surgindo em seu lugar, no deslumbramento dos grandes fenomenos sócias, esplendida de realizações e fecunda de promessas, a *Comuna Anarquista!*

Sômos novos, senhor coronel, e isso fá-lô-á talvez sorrir, que o riso é proprio dos imbecis e dos ignorantes. . .

Essa será, de certo, uma atitude que não nos trará dano; mas convença-se, se é que o grânito do seu engenho o permite,

que as sociedades atravessam um periodo de transformação que a espada do sr. Liberato já não poderá impedir — e vá meditando nestas palavras de Savvyam Maréchal, escritas logo após o triunfo da Revolução Franceza, e que em si reúnem a condenação formidavel das bur-las do regimen parlamentar e legalista de que V. Ex.^a é escóra segura: — *O povo que soube marchar sobre os corpos dos reis e dos padres, contra ele coligados, há-de saber fazer o mesmo aos modernos tartufos politicos, tiranos de operêta a substituir os antigos senhores. . .*

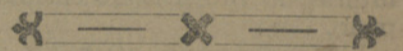
Não se escude, coronel, com a nossa mocidade, nem socegue contando com a tibiêza do nosso esforço. . .

V. Ex.^a tarimbou no quartel — nós vamos taribando pelas cadeias, na dedicação superior de uma Ideia!

E é esta ideia que nos anima e dá força, é ela ainda que nos sugere, num *élan* guerreiro e febril, este grito que em si resume um programa, e que será; num dia bem proximo, a aléluia triunfal dos que arrastam hoje a grilhêta do salariato.

VIVA A ANARQUIA!

O Nucleo Juventude Anarquista de Coimbra.



A greve da Construção Civil

Sursum Corda!

A greve dos construtores civis de Lisboa, orientada pela sua Federação de Industria, lembra os bons tempos do sindicalismo revolucionario francez!

Neste tempo de vil especulação e vilíssimos sentimentos a atitude dos camaradas construtores marca como um exemplo nobilissimo que todas as classes devem imitar.

"Nada de greves ganhas á custa do consumidor! E' preferivel a derrota material á derrocada moral" — eis o significado do gesto destes camaradas, recusando o aumento que os patrões concediam se eles anuissem a uma modificação fabulosa no preço das construções.

E este significado, de tam alto valor moral, é um testemunho esmagador da força do ideal nas reivindicações proletarias.

Sursum Corda!

Nem tudo é lama!

Lances da Guerra Social

A Inquisição em Espanha

Um apêlo angustioso dos camaradas da Catalunha ao operariado portugnês. — Necessidade de uma demonstração de solidariedade para com as nobres vítimas do capitalismo catalão.

A *révanche* burguesa, cruel e vingativa, tomou na Catalunha uma forma brutalmente sangüinária, chegando a extremos de ferocidade e de cobardia. Desorientada pelo crepitar luminoso do brazeiro Russo, a burguesia de toda a terra tenta segurar-se mediante illusórias soluções de momento, nuns paizes, os mais cultos, procurando entrar a marcha das reivindicações proletarias por cautelosas e atiladas concessões, noutros, ainda sob a influencia dos autos de fé e das bastonadas, organisando complexos sistêmas de *defeza social*, para o que multiplica os armamentos duplicando o numero dos escravos fardados.

A este ultimo grupo pertence a Espanha vesânica e fanática, e, mais do que a Espanha, o *nosso ditoso* paiz, onde a vontade ferrea dum estadista (?) de caserna soluciona a questão social — publicando tabelas de preços para o que não existe nos armazens e alargando os quadros da *benemérita* Guarda Republicana...

O que se passa em Barcelona não é um facto isolado, mas o encadeamento lógico de uma série de factos, que demonstram irrefutavelmente o proposito assente, por parte do elemento burguês, de agravar os odios de classe, justificando pela sua attitude tigrina todas as vinganças futuras do proletariado emancipado.

E' simplesmente aterrador o que nos conta um dedicado camarada, preso no *Carcel Celular* daquela cidade, sobre as violencias cometidas na Catalunha pela burguesia local, solidamente apoiada nas classes militares, dos quais o infame general Milan del Bosch foi o sinistro simbolo.

Em estado de sitio ha mais de quatro mezes, a Barcelona operaria assiste, aterrada e impotente, ás monstruosas arbitrariedades dos magnates militares e capitalistas.

A liberdade de imprensa é um mito. Nem um só dos jornais que tam brilhante e altivamente defendiam ali a causa dos que trabalham póde publicar-se. A intemerata *Tierra y Libertad*, que tam galhárdamente resistiu ás maiores tormentas sociais, encontra-se suspensa, o mesmo succedendo ao diario da Confederação Nacional do Trabalho, a *Solidaridad Obrera*. Dos seus redactores, uns, como *Herrero, Carbó, Salvador e Buena-Casa* encontram-se presos, outros procuram no sigilo dos esconderi-

jos a paz que os abutres lhe negam. Da liberdade de associação nada dirêmos.

Estão fechados tôdos os sindicatos, proibidas as reuniões proletarias, levando a burguesia o seu ódio ao ponto de encerrar os Centros de Cultura, as escolas e as bibliotecas sindicais.

Os camaradas que dirigiam estas organizações estão tôdos presos, condenados na sua maior parte, a penas que oscilam entre *quatro a doze* anos de prisão! Alguns dêles, os que mais se destacaram nesta guerra social em que todos tam ardentemente nos empenhamos, foram condenados a *prisão perpetua*, havendo um condenado a *pena de morte* porque teve a ousadia de perturbar a digestão pantagruelica dos senhores do mundo!

Uns cinco mil aproximadamente, esperam nos ergástulos inquisitoriais a conclusão dos processos para comparecerem ante os Concelhos de Guerra.

Entre os presos estão camaradas ilustradissimos, respeitadas pela sua honestidade e pela sua grande dedicação á causa dos oprimidos. Citarêmos, copian-do-os da carta que nos enviou o camarada a que nos referimos anteriormente, os nomes de *Pestana, Miranda, Barreira, David Rez, Boal-Díaz, Castellar, Ganzá, Cecilia Ferrer*, além dos já citados, *Herrero, Buéna Casa, Carbó e Salvador*.

Todos estes camaradas faziam parte da organização operaria Catalã, encontrando-se entre êles os nomes do presidente e secretarios da *Confederação Nacional do Trabalho*.

O camarada que nos escreve, e cujo nome omittimos naturalmente pois que se trata dum prisioneiro, promete-nos mais amplos pormenores sobre esta negra *révanche* da burguesia catalã, pormenores que aguardamos com verdadeira anciedade, pedindo-nos em seu nôme e em nome do presidente da *Confederação Nacional do Trabalho* que iniciemos em Portugal uma campanha de protesto contra tam inauditas violencias, servindo-nos para isso da imprensa e dos comicios.

De bom grado aceitamos esta missão nobilissima, que a LUZ fez-se para alumiar estes grandes crimes sociais, creando nas multidões o sentimento da Justiça. Privado-da imprensa operaria espanhola, não podendo dar credito ás versões officiosas das gazetas burguesas, a maior parte do operariado portugnês desconhece a luta intensa tra-

vada entre os capitalistas e os trabalhadores da Catalunha. Mas agora que um depoimento claro e incisivo nos chega, que o grito atroadôr e plêno de angustia de uma das inumeras vitimas da burguesia barçolonesa vem até nós a lembrar uma grande iniquidade social, não podemos por mais tempo alegar ignorancia, cabendo-nos mostrar publicamente a nossa solidariedade com aqueles heroicos camaradas, exteriorizando simultaneamente a uossa repulsa para com os seus opressôres, tam odiosos como aqueles que nos oprimem a nós mesmo.

O sindicalismo catalão, combativo e francamente revolucionario, impregnado fortemente pelo espirito anarquista — demonsira-o a solidariedade ideativa que juntou no carcere os redatores da *Solidariedad* com os camaradas da *Tierra* — merece-nos a maior da simpatia.

Dêle muito esperamos — *melhor tudo esperamos*. Demons-tremos-lhe pois, praticamente, a nossa solidariedade, e; para isso que a Organização Operaria chame a si a honrosa tarefa de fazer aprovar nos comicios que hoje 1.º de Maio se realisam moções de protesto contra tantas e tam grandes monstruosidades, pue podem facilmente repercutir-se em Portugal se bem succedidos forem em terras de Espanha...

Camaradas! Trabalhadores! Que a solidariedade seja mais que uma palavra! Lembremos dos prisioneiros de Espanha, procedendo e agindo como se da nossa liberdade se tratasse!

Trabalhadores! Anarquistas!

Contribui com todas as vossas forças para as subscições voluntarias a favor da

"LUZ AO POVO,"

"A Batalha,"

Denodado orgão do proletariado organizado, *A Batalha* impõe-se ás classes dominantes pela magestosa serenidade do ataque, despido sempre de violencias de frase, mas, por isso mesmo, mais sangrento e mais fundo.

Longe de bulir nos homens, polichinelos de efémera existencia no triclinio do Poder, *A Batalha* encarna-se sobre as instituições, vê largo e longe, e daí a imensa simpatia com que a olhamos, nós que pelas attitudes francas e desassombradas experimentamos a mais viva admiracão.

Agora que ela entrou no 2.º ano da sua existencia, entrada gloriosamente assinalada pelas violencias do Baptista analfabeto, saudamo-la como a um dos mais intrepidos camaradas nestas rudes lides da imprensa revolucionaria.

Que vos alijam que vos torturem, dizei sempre a verdade.

Victor Hugo.

Viajeiros do Ideal

José Rosa Silva

Está nitida no cerebro dos camaradas a lembrança da violenta attitude do governo brasileiro, expulsando de terras de Santa Cruz, no acaso das investidas policiêscas, uma falange esclarecida de operarios estrangeiros, réus do crime *nefando* de erguerem bem alto o seu protesto, contra as injustiças da sociedade burguesa.

No rol dos proscritos havia portugueses, que á *terra-mãe* acorreram, confiantes, talvez, num acolhimento amavel e confortante.

Fementida illusão! O governo portugues, irascível e cruel para com os trabalhadores famêlicos, não teve a nobre coragem de exigir explicações ao governo do Estado que tão afrontosamente expulsára os subditos de Portugal!

Os expulsos eram operarios, suspeitos, para mais, de gangrêna bolchevista... e a solidariedade nacional, tão decantada nas revistas patrioteiras, cedeu o logar á solidariedade de classes — o governo portugues fez-se o cúmplice do governo brasileiro, prendendo e deportando para o ultramar os proscritos do Brazil!

Que lição a meditar pelos escravos dos dois países *irmãos!*

Entre os presos estava o camarada José Rosa Silva, que, escapando á infamia da deportação, teve de sofrer longos meses a tortura do encarceramento num ergástulo de Lisboa, de que só agora conseguiu libertar-se! Em demanda de terra mais hospitaleira que as inóspitas paragens brasileiras, José da Rosa Silva, esteve ha dias de passagem em Coimbra, e nas saudações que trocámos foi toda a nossa alma de revoltados, comovida por este exemplo vivo da agitada vida dos militantes nesta hora alta em que o mundo burguês agonisa...

Na paz da sua aldeia, de novo entregue ao trabalho fecundo e renovador, o nosso camarada sentirá que a sua fé se aviva ao contacto de tantas iniquidades, radicando-se-lhe a convicção de que só pelo esforço de todos os trabalhadores raiará no mundo o dia da Justiça.

As perseguições dão efeitos contrarios das que apeteem os que as promovem. Se nos tibios originam cobardia e defecções, aos fortes fá-los redobrar de audacia, ateando-lhes o ardor combativo.

... E nesta hora suprema em que por toda a parte as multidões se erguem a pedir um talher no banquete da vida — não há Bastilhas que atemorisenem coroneis que causem pavor!

Sem a liberdade não ha ordem possivel.

Graça Aranha.

Os Comunistas-Anarquistas

AOS

Trabalhadores do Campo e da Cidade

Teem-nos dito, trabalhadores, que o anarquismo é uma utopia, um sonho, alguma coisa de vago e impreciso, realisavel, quando muito, daqui a seculos.

Nós sômos anarquistas. Dentro do anarquismo aceitamos como solução ao problema do trabalho o comunismo. Impendê-nos pois a obrigação de falar-vos, de esclarecer-vos. Vamos fazê-lo jubilosamente,

Escutai-nos.

I

Guerra e revolução

A tragica carnificina europeia, arruinando os Estados e depauperando as Raças, apressou, pelo mal estar economico e moral latente nas multidões, o desencadear dessa espantosa Revolução Social que os pensadores do ultimo seculo, especialmente Kropotkin, de ha muito vinham profetizando. Essa revolução, fruto do éxaspero dos povos, revestiu desde o seu nicio formas rasgadamente economicas, e surgiu tão eriçada de dificuldades que desde o seu principio se apresenton a questão de saber se seria viavel sem uma ditadura do proletariado.

O caso da Russia, exemplificação viva do mais ortodoxo marxismo, animou todos os revolucionarios da Europa, ainda presos á crença messiânica no poder libertador do Estado, a esperar de uma ditadura de commissarios do povo o que apenas o povo seria capaz de realizar — a sua emancipação integral. Esses revolucionarios, que arrogaram a si o privilegio de ver claro na situação, apregôam que a Revolução Russa, primeira manifestação da Revolução Social prestes a irromper, triunfou e perdura porque tem a orientála um governo de rubros ditadores. Será assim?

II

A Revolução é uma obra da ditadura proletaria ou do esforço das multidões?

A concepção revolucionaria do militante anarquista não consiste em *arregimentar* a massa para lhe impôr um dogma, mesmo que esse dogma seja o da felicidade universal. Nós não queremos *arregimentar* mas *libertar*, aspiramos a despertar na multidão a repulsa por todos os messias, ensinamos-lhe o modo viavel de se livrar de todos os tiranos — e fazemo-lo porque sômos contra todas as ditaduras, a ditadura branca dos burgueses e a ditadura vermelha dos operarios.

Enganam-se os que supõem que a Revolução Social Russa é

Lenine, Trotsky, Lunatcharsky, Tchitcherine, toda esta falange de burgueses e de aristocratas, respeitaveis, sim, pela gloria dum passado devotado á causa dos que trabalham, por uma honestidade superior a todas as calunias, mas incapazes, por maior que seja o seu talento, de resistir ás investidas burguesas sem o concurso desse genial anônimo que é o Povo. "A causa do comunismo sobrevirá aos homens do Instituto Sonolny" — escreveu Barbusse no Prefacio do livro do capitão Tiago Sadoul. O comunismo não é a ideologia de uma *élite*, vive em realizações fecundas na alma do povo que se sente aborrecido, asfixiado, *zéné*, sob a catadupa de decretos com que os commissarios vão inundando as suas aldeias, cerceando as suas liberdades e quebrando aquela *doce anarquia* em que lhe aprouve viver no já saudoso ano de 1917.

Digamo-lo abertamente: A Revolução Russa triunfou e restará invencivel porque o Povo, *mau grado as deturpações doutrinarias dos ditadores*, ainda não esqueceu os principios basicos do bolchevismo, lutando para que eles se mantenham integros. Os commissarios perderam a rigidez antiga nas cadeiras do poder, e que a perderam demonstra-o a frase de Sadoul *os ex-bolcheviques Lenine e Trotsky* e demonstra-o mais claramente ainda a opposição ardente da extrema esquerda socialista.

Não, trabalhadores portugueses!

Se a Revolução Russa é ainda uma realidade, se ela a todos nos traz o influxo revigorizador do seu exemplo, agradeçamo-lo ao proletariado e aos camponeses que se não deixam embalar nas cantatas do *poder proletariano* — e não aos commissarios que, levados pelos acontecimentos e por uma visão subjetiva dos factos, tentam pouco a pouco impedir o progresso das ideias.

III

A acção popular

A tese anarquista é fundamentalmente contraria.

A Revolução irá tanto mais fundo quanto a consciencia popular se interessar nela, desenvolvendo-a e ampliando-a, esmagando de vez os antigos senhores e prescindindo de novos.

Não confiamos de *chefes*, proletarios ou burgueses, a nossa salvação, *porque ela está em nós, no nosso esforço e na nossa vontade*, e a liberdade integral, aspiração maxima de todos os

anarquistas, teremos de conquistá-la por nossas mãos, não pelos decretos dos commissarios vermelhos.

IV

Que é o anarquismo?

O anarquismo é uma utopia, diz a cada passo gente interessada em perpetuar a escravidão social dos trabalhadores e em manter o espirito gregario da multidão, massa informe onde os ambiciosos modelam as mais vis aspirações. Esses que o dizem esquecem ou simulam esquecer que esta sublime *utopia* tem vivificado e alimentado a mais esplendida realidade do nosso tempo — a *organização sindicalista dos trabalhadores* — prova viva do seu eminente realismo. Esqueceu ainda os seus detratores que de todas as vezes que o movimento operario se torna uma potencia, assustando os burgueses e impondo-se ao Estado, é porque nele paira o espirito e o metodo anarquista, podendo-se dizer afoitamente que a mais poderosa organização do sindicalismo revolucionario antes da guerra — a *Confederação Geral do Trabalho de França* — recebeu a força e a orientação dos militantes comunistas-anarquistas.

O sindicalismo-revolucionario, que tão brilhantes feitos tem no seu activo, é um fruto espiritual do comunismo-libertario — esta *utopia* de encontro á qual se quebram os dentes de todos os caluniadores, sejam eles burgueses obcecados ou vendidos da social-democracia. E o anarquismo, aplicação superior dos grandes principios filosoficos modernos, encontra no comunismo a sua expressão economica, e é *pela efectivação imediata do comunismo-anarquista que o homem ha-de conseguir a sua total emancipação!*

V

O que querem os anarquistas

E' tempo de dizer-vos, trabalhadores de Portugal, quais são as bases gerais do anarquismo, quais as nossas ideias e aspirações.

Nós desejamos a desaparición total dos governos, sejam eles burgueses ou proletarios, conservadores ou radicais, e isto porque sabemos pela Historia que todos os governos tendem escravizar os povos que neles delegam, arvorando-se em protutores das castas parasitarias. Supondo mesmo que um governo proletario, falseando a missão de todos os governos, conseguisse impedir a exploração

dos trabalhadores pelos capitalistas, nem por isso deixariamos de o combater pelo enorme perigo que o seu provavel prestigio representaria para as liberdades de cada um de nós.

Insurgimo-nos tambem contra as teorias burguesas do *Direito* porque este representa um obstaculo ao progresso da humanidade, servindo de arma para os poderosos acobertarem sob lindos nomes os seus roubos cotidianos.

Odiamos a *lei*, manifestação visível do *Direito*, e, em geral, combatemos todos os decretos, diplomas, convenções, *ukases* e *prikases*, que tendem acoartar a expansão do homem e a diminuir a potencia revolucionaria dos individuos, sejam esses diplomas e convenções outorgadas em nome de Deus ou da patria, da democracia ou do conselho suprêmo dos commissarios do povo.

Erguemo-nos ainda contra a propriedade industrial da terra, a mais iniqua aberração do regimen capitalista, e sustentamos que nove décimos dos crimes teem origem na péssima organização social presente, que põe na mesa dos potentados mais do que é necessario á vida deixando aos produtores menos que o indispensavel para viver. Sustentamos que esta monstruosidade se terá fim pelo advento do Comunismo — a *terra ao camponez e a oficina ao proletario* — fórmula superior de justiça que os proprios trabalhadores são chamados a executar.

Da extinção da propriedade individual, unica fonte de receita para parasitagem doirada que nos suga o sangue, deduzimos o aniquilamento da burguesia, a desaparición das cadeias e dos tribunais, o rapido findar do militarismo devorador das riquezas da terra, a total destruição de todas as causas do mal-estar fisico e moral que hoje nos afflige. E vemos nela tambem o advento dessa nova era em que o homem não será mais o lobo do homem — *homo homini*. . . — mas o seu irmão dedicado, ambos empenhados na consecução integral do Bem-Estar Universal!

VI

Os anarquistas e a ditadura do proletariado

O anarquismo, sistema filosofico deduzido dos factos complexissimos da vida social, surge como a negação das antigas teorias centralistas e absorventes, prégando a liberdade integral do individuo, em contraposição ás dogmaticas pretensões da es-

cola democrata—liberal. O anarquismo é fundamentalmente socialista, (1) mas o socialismo dos anarquistas é um socialismo dênâmico, de eternas transformações, "creado e sustentado pelas verdades individuais," (*Palante — Sociologia*) irreductível inimigo de todos os gregarismos e de todos os conjuntos prevertores da individualidade. Em face da ditadura do proletariado, forma colossal da tirania vermelha que pretende impôr os interesses da Sociedade ou do Estado ao Individuo, como se estes fossem inconciliáveis, os anarquistas mantêm uma posição de implacável critica, sustentando com Bâcúnine, Kropotkine e todos os seus teóricos que a missão dos governantes é conservar o existente e não impelir as massas no caminho do progresso.

TRABALHADORES!

Dissemos-vos, em síntese, quais as nossas ideias, e delas deduzistes certamente o modo como encaramos o problema tão complexo da transformação social. Foi-nos grato fazê-lo no dia de hoje, no dia 1.º de maio, que relembra uma grande data na historia do proletariado universal, e que, por si só, constitue uma solene reputação a todas as tentativas de predominio das classes chamadas dirigentes. O 1.º de maio, recordando a greve de Chicago pró 8 horas, põe-nos em evidencia a vontade das multidões sobrepondo-se á vontade dos comités, e recorda tambem a energica coragem e as palavras claras e não menos energicas dos martires da reação capitalista norte-americana. Os homens são propensos a esquecer, e hoje, tantos anos volvidos sobre a tragedia de Novembro de 1887, originada nos motins grevistas do 1.º de maio de 1886, poucos se lembrarão ainda do que, já sobre o cadafalso, souberam dizer os labios exangues dos Spies e dos Engel. "O Socialismo, tal como nós o compreendemos, quer dizer que a terra e os maquinismos os possuirá o povo em comum," disse Schwab, e Engel acrescentava "Anarquismo e Socialismo parecem-se, na minha opinião, do mesmo modo que uma gota de agua com outra gota..." Que de socialismo era o de Engel e o de Spies e o de todos os seus infelizes companheiros? O socialismo-anarquista, libertario e comunista, guardião suprêmo dos direitos do individuo, do individuo até hoje vitima eterna de todos os dogmas religiosos e politicos, e que apenas será com-

pletamente livre quando, emancipado economicamente pelo comunismo, receber do anarquismo a sua carta de alforria.

TRABALHADORES DE PORTUGAL!

Não vos pedimos votos, nem benesses nem delegacias de imperativo mando. Pedimos-vos unicamente mais um pouco de raciocinio e de vontade, e sobretudo a coragem de que deram mostras os martires de Chicago, coragem tão necessaria para correr com todos os tiranos e todos os politicos que abusando da nossa passividade fazem deste país uma caverna de ladrões legalizados!

TRABALHADORES! PELO COMUNISMO! PELA ANARQUIA!

O Nucleo Juventude Anarquista, de Coimbra.
O Grupo Libertario Novos Tempos, do Porto.



À Imprensa Operaria

Ao iniciarmos a publicação desta modesta folha, era nosso desejo saudar toda a imprensa revolucionaria portuguesa, não o tendo feito no 1.º numero, devido á abundancia de original e á azafama que procede sempre á saida duma nova publicação. Só por um lamentavel equívoco é que deixamos que o nosso jornal trouxesse essa lacuna, que não queremos, hoje, deixar de preencher.

Saudamos, pois, com um fraternal abraço, todos os camaradas que compõem a imprensa proletaria do país, que detodamente tem combatido a prepotencia e o despotismo burguez.

Não queremos, tambem, deixar de enviar especiais saudações aos camaradas da Batalha, o brilhante diario sindicalista de Lisboa, que, com a sua missão educativa e tenaz propaganda sindical, tanto tem contribuido para que o proletario português se vá emancipando da aviltante tutela patronal.

A todos saudamos vibrantemente, fazendo entusiasticos votos para que não esmoreçamos na cruzada libertadora que o dever nos impõe, derruindo com certos golpes, esta pútrida sociedade para, sobre os seus escombros, cimentarmos, então, as solidas bases da Humanidade Livre!

Aos Governantes

Para destruir os agitadores e os conspiradores, é necessario aniquilar todos os patrões que juntam suas fortunas á custa do suor e da miseria dos trabalhadores.

Alberto Parsons.

Notas á margem

Greves Foram abundantes em greves os ultimos dois mezes, e greves de peso foram elas que demandaram, para solução condigna, o pesado pulso do senhor coronel...

A greve é hoje um meio vulgar de reivindicação economica, tam caracteristicamente economica que a ela recorrem as classes mal pagas, o que levou a pôr de parte, por nulidades de efeitos, as insinuaçõesinhas dos governantes virtuosos — oiro couceirista, oiro alemão, oiro lenínico... Nada resolve a greve, nada, bem o sabemos, mas tem a grande vantagem de adextrar para mais largas lutas, preparando as multidões para accionarem por si proprias, aprendendo a tratar por suas mãos do que a si mesmo diz respeito. Esta tendencia das greves, unica que nos merece atenção, assusta e atemoriza os senhores do Estado e da finança, que tratam de corromper a moral dos grévistas recorrendo aos jaumes — carneiros, dizemos nós numa versão deliciosa e expressamente livre!

E a proposito de... carneiros Dantes, os governantes iam buscá-los á parte mais corrupta e mais miseravel do proletariado, carne facilmente vendavel para todas as infamias. Agora não. Em caso de greve, estão ahí os escoteiros, os policias amadores, e nesta cidade de bizarras lendas e alegres tradições — o escol da Briosa!

Vimo-los, aos meninos da Academia, de cartas na mão a brincar aos carteiros, muito a sério tomando a sua função — eles que só de funções entendem! Em perigo a patria e a republica, a élite integralista e o recheio democrático não hesitaram, saindo para a rua na atitude olimpica de quem leva na saca de couro os destinos da Raça...

Veio tardio, nos estudantes, este pudor para o trabalho, mas, como dizia o de Ventos de Baixo — mais vale tarde do que nunca! A radicalizar-se a vocação registaremos ainda atitudes nobilitantes, embora extraordinarias, não nos surpreendendo, por exemplo, que os efebos da Academia, levando ao extremo o seu amor á patria, venham a substituir uma greve de ninfas.

E numa greve de gatos, pingados?! Serviço de primeira necessidade — epidemias, o a. bo! — os moços não faltarão!

Nesse caso — cautela com os pingos da tócha...

Zoilos Lembrou-se Zoilo, poeta de 10.ª classe, em criticar a Iliada... Asneira que te racho! E ficou celebre!

Zoilo!
A especie proliferou. Abunda — et partout. Aqui em Coimbra é aterrador. Começa na Universi-

dade, onde se contam por grosas, e vem morrer — morrer é o termo — nas fileiras do proletariado militante — que a peçonha é grande e vai fundo!

O Zoilo não faz nada — mas diz muito. Que diz o Zoilo? Bêntises — asneiras, como quem fala. Mas tem sempre uma claque que o escuta e aplaude, autorizando-o, e como o dogma é feito de asneiras — as asneiras dos Zoilos tem o imperativo valor dos dogmas.

Os Zoilos assustam os tímidos; mas nós que aparecemos para abrir brecha em todos os preconceitos, investimos sobre os Zoilos com o mesmo impaciente ardor com que procuramos pulverisar os deuses e os messias politicos lamentando de verdade que a daninha especie de imbecis e imbecilissantes té no meio operario encontrasse raizes. Que é triste!

Valha a verdade que a caravana segue não obstante o latir da canzoada...

Alto relêvo Só o socialismo pode defender a individualidade, pois que, então, a Humanidade será economicamente independente... O Anarquismo ou Socialismo significa a reorganização da Sociedade sobre os principios scientificos e a abolição das causas que produzem crimes e vicios.

AUGUSTO SPIES.

(Uma das vitimas dos acontecimentos do 1.º de Maio de 1886, em Chicago, que deram posteriormente origem á tragedia social de 11 de novembro de 1887).

Aos camaradas

O presente numero d'A LUZ é vendido a 5 centavos

Tendo o presente numero do nosso jornal acarretado um acrescimo grande de despeza, já pelo numero de paginas, já pelo constante aumento do papel, sômos obrigados a vender o presente numero da Luz a 5 centavos, esperando da dedicacão dos camaradas um auxilio, sem o qual nada poderemos fazer a bem da obra revolucionaria que iniciamos.

Aproveitando a ocasião lembramos aos camaradas nossos agentes de não serem muito morosos na liquidação da venda, visto que a Luz vive exclusivamente desse produto e do auxilio voluntario que lhe queiram prestar.

Falta de espaço

E' terrivel! Tivemos de retirar por carencia total de espaço, uma grande parte de original, entre ele A Ditadura Operaria contra os inimigos da Revolução, por Julio Beira, e a Necessidade da Organizaçao Anarquista.

O homem só é homem quando aprende a ser um revoltado.

Ramalho Ortigão,

(1) Hoje — disse Parsons — ha dois generos de Socialismo no movimento operario mundial. Um é conhecido por anarquismo, sem governo politico ou autoridade. O outro é o socialismo de Estado ou paternalismo.

(Do livro os Martires de Chicago, citado por Hamon no Socialismo e Anarquismo.)

Velha data! Antiga historia!

... Porém, se é para ser enforcado por professar as ideias anarquistas, pelo meu amor á liberdade, á igualdade e fraternidade, então não tenho inconveniente... digo-o bem alto: — dispõe da minha vida.

Adolfo Fischer.

Desprézo o poder de um governo iníquo, os seus polícias e os seus espías.

Jorge Engel.

Crêdes que a guerra social se acabará estrangulando-nos barbaramente? Ah, não! Sobre o nosso *verdictum* ficará o do povo americano e o do mundo inteiro, para demonstrar a vossa injustiça e as injustiças sociais que nos levam ao cadafalso...

Alberto Parsons.

E' a Anarquia que se julga? Se assim é, por vossa honra que me agrada... Podeis condenar-me, honrado juiz, mas ao menos que se fique sabendo que no Estado de Illinois oito homens foram condenados á morte por crerem num bem-estar futuro, por não perderem a fé no último triunfo da Liberdade e da Justiça.

Augusto Spies.

A historia do 1.º de Maio é a velha historia da luta entre o livre Pensamento Humano em evolução e a tragica e inquisitoriana reacção burguesa em convulsões de agonia cruenta. Sintetisa os déspotas, como dizia Hugo, a pretenderem, em todas as épocas, colocar os açamos nesses leões chamados povos, que investem contra a Tirania decadente e secular. Representa a explosão duma bomba lançada — na praça de Haymarket, em Chicago — não pelos revolucionarios contra as violencias da policia, mas por esta contra o desenvolvimento, natural e logico, das ideias purificantes de libertação social, politica e economica, da quebra dos grilhões apertantes do Capitalismo homicida.

Ontem, como hoje, hoje, como amanhã, enquanto o Proletariado, numa contração possante de musculos retezados, não partir definitivamente as ferreas algêmas da compressão proprietária, financeira, industrial, mercieira, militar-liberata e religiosa, qualquer que seja a teologia professada.

Em verdade, o que a burguesia americana pretendeu com o enforcamento, em 1887, de Adolfo Fischer, Jorge Engel, Alberto Parsons e Augusto Spies, bem como com a condenação a degredo perpetuo de Miguel Schwab, Oscar Neebe, Luiz Ling e Samuel Fielden, foi o aniquilamento das aspirações do povo escravizado, estrangulando-as como quem estrangula uma vitima innocente. Encarcerando quatro vitimas, depois de assassinar outras quatro, julgou enjaular no *in-pace* das suas algidas e pútridas masmoras toda a Ideologia passada, presente e futura, destruindo o Progresso, pulverisando a Ciencia! Assim, pôr-se-ia termo á

endemidade das greves, ás constantes e justissimas reclamações dos escravos, tornando-os uma massa vil e de facil maleabilidade nas mãos ávaras dos capitalistas. A greve de 1.º de Maio de 1887, pela conquista das 8 horas, seria a ultima greve, e os propagandistas operarios, perseguidos, acossados, presos, desterrados e enforcados jámais perturbariam o socego nabábico dos extravagantes milionarios...

Em verdade tambem, o que se está passando entre nós tem um *quid* de semelhança com os factos em sintese enumerados. Pois se tudo isto é uma das multiplas séries dos acontecimentos sociais do mundo! A bomba do cortejo de Lisboa, lançada não se sabe bem por quem, e a bomba de papel do Porto, surgida não se sabe como, são um pretexto sublime para as leis de excção dirigidas, não contra os dinamitistas, porque os partidos republicanos são um vasto laboratorio de bombas, com dinamitistas galardoados pelo parlamento — haja em vista os revolucionarios civis — mas contra a organização operaria, os seus militantes, os seus mais inteligentes e estrénuos defensores. Numa palavra: o sr. Baptista, desterrando, porque, ás claras, não pode enforçar, garrotar ou guilhotinar, todos os homens que tenham nobres aspirações, julga, como a burguesia americana de 1887, amarfanhar o Pensamento Humano, deter a onda revolucionaria que galga e se espraia pelo mundo, esmagar os corações pondo em seu lugar aboboras, informizar cerebros substituindo-os por cabeças de nabos, porque nem de burros servem, visto q e sempre poderiam pensar alguma coisa... Resolvida assim a questão social, o chamado *panem nostrum quotidianum*, reinará a paz em *Lishóbia* amada... circulando os *camions* com metralhadoras, imperando a guarda republicana como outróra Cesar dominava a cidade Santa... Até que Anibal assome ás portas de Roma, perdão! até que uma rajada de energia indómita sacuda e parta as ultimas vergontas da arvore genealogica João francácea...

Porque o Pensamento não morre, por uma questão científica. Se é verdade, como afirma Fontenele, que a *luz* da Lua e do Sol é matéria que cai do firmamento, o Pensamento Humano, a Ideia Humana, a Aspiração Humana, são matéria que sai dos cerebros e dos corações purificados a juntar-se á atmosfera. Os povos, depois, respiram-na.

E' por isso que os governantes cada vez mais embirram com a celebração dos 1.ºs de Maio, por que eles, sem perderem o seu primitivo batismo, a sua americana significação, representam um relógio, pelo qual se vai contando as ultimas horas que nos

faltam para seguirmos os exemplos do povo russo — para a Revolução Social.

Será este 1.º de Maio a ultima hora no tempo do Sofrimento?...

CLEMENTE VIEIRA DOS SANTOS.

Corações ao alto!

Excedeu toda a expectativa, jubilosamente o dizemos, o acolhimento feito á *Luz* pelos nossos camaradas em ideias, e, em geral, por todo o proletariado. Esse acolhimento refletiu-se na venda, muito lisongeira em Lisboa e excçãoal no Porto.

Agradou-nos sobretudo, vendo no facto um incitamento á nossa missão de propagandistas, o apoio que nos foi dado pelos anarquistas presos no Forte de Sacavem, vitimas da tirania demagogica do sr. Coronel, e que, mesmo presos, pondo acima de tudo os interesses vitalissimos do Ideal, organizaram a dentro do carcere o *Grupo Unificação Libertaria*, que, como indica o nome, tende a unificar a orientação de todos os elementos anarquistas, no elevado intuito de contrapôr aos movimentos grévisticos, nimamente egoistas e tacanhamente corporativos, uma acção insofismavelmente revolucionaria, insurreccional e anarquista.

Tambem o *Centro Comunista* de Lisboa nos deu uma clara demonstração de que não é esteril a nossa propaganda, prometendo-nos os seus componentes o mais decidido apoio, a mesma promessa nos fazendo a nossa dedicada camarada Julia Cruz e o camarada José da Silva Oliveira, agente em Lisboa, da *nossa* modesta folhinha.

O sintoma mais caracteristico em todas estas manifestações está em que todos os que se nos teem dirigido insistem pela imperiosa necessidade de fazer simplesmente, unicamente Anarquismo, prova visível de que a salutar reacção comunista-anarquista que se vai desenvolvendo pela Europa não ficará sem eco nesta região.

Nós procuramos corresponder o melhor possivel a todas estas demonstrações de solidariedade e, para a efectivar, voltaremos á repetir que *Luz ao Povo* é uma obra de ideias, tribuna aberta a todos os explorados que fóra das *coterias* politicas e religiosas procuram emancipar-se. Por isso mesmo que é uma obra de ideias, necessita auxilio de todos, lembrando nós aos camaradas as despezas excçãoais a que nos obrigou este numero, despezas que só poderemos cobrir com a boa vontade de todos.

Luz ao Povo publicará no seu proximo numero o balancete da receita e despeza, e então se verá que essa boa vontade começa a evidenciar-se.

Lamentam alguns dos camaradas que se nos teem dirigido que *Luz ao Povo* só apareça de mez a mez, sugerindo que apelemos para todos os anarquistas a fim de que a possamos publicar quinzenalmente. Essa é a nossa mais intima aspiração, e porque entendemos que num momento em que a imprensa capitalista e patrioteira multiplica os seus ataques ao proletariado se impõe a multiplicação dos nossos órgãos, tão reduzidos em numero, aqui lançamos a ideia, esperando que os camaradas se pronunciem sobre a sua viabilidade.

E' *preserverando* que os maiores obstaculos se vencem — e nós saberemos preserverar para vencer.

ANARQUISTAS!

Luz ao Povo não é o jornal dum grupo, de uma empresa, dum homem — é o vosso, o jornal de todos os oprimidos, a *Luz* de todos os Revoltados!

Dois nomes no cabeçalho, ali postos por imposição de uma lei draconiana e estúpida, nada significam.

Luz ao Povo, para viver, precisa de vós todos — que ela é feita da vossa fé, óh encarcerados dos Fortes de Lisboa! que ela é feita da vossa dedicação, óh heroicos paladinos da ANARQUIA!

LEIS

"As leis são regras baseadas na violencia organizada." — Tolstoi.

Pela primeira vez que pego na pena para escrever num jornal libertario, sou impellido pela consciencia a tratar um assunto que me revolta sempre que nele penso.

Leis! O que são leis?

Nada mais nada menos que formulas para perpetuar a propriedade individual submetendo os povos aos caprichos dos que as fazem.

Os *sabios* dizem-nos que a lei é a expressão da vontade dos povos, mas isto sucede em toda a parte, os homens que desejam sinceramente o cumprimento da lei são muito menos numerosos do que aqueles que a desejam violar e que, se a não transgrirem, é unicamente com receio das penas em que possam incorrer. As leis não podem exprimir a vontade dos povos por que todas elas teem uma característica comum: dar aos que as fizeram o direito de prender e até matar os que alguma vez as não acatarem.

Ha leis que proibem a saída de certos objetos fora de destinados limites, outras que impedem a circulação da moeda falsa, que obrigam ao serviço no exercito e a prestar homenagem a umas determinadas pessoas.

Todas estas e muitas outras leis procuram restringir a liberdade dos individuos, sem que todavia se possa dizer que qualquer delas exprima a vontade dos povos.

Se alguém se recusar a pagar contribuições e taxas militares, ver-se-ha numa situação em que lhe será arrebatado pela força o que não quiz dar pela imposição da lei. Igual sorte terão os que não queiram alistar-se no exercito, desertando, os que se lançam num movimento de solidariedade para a conquista de justas reivindicações e ainda os que se recusarem a prestar as homenagens que as leis conferem a determinadas pessoas. Neste caso ir-se-ha á prisão perpetua, quantas vezes á morte!

Por todas as infrações ás leis estabelecidas, os delinquentes serão punidos com mais ou menos rigor, segundo a gravidade que os codigos preceituam numa ignorancia completa dos fenomenos psicologicos e mesologicos que actuam na mentalidade do criminoso.

Quem conferiu aos homens a faculdade de fazer leis? A lei não emana da vontade popular mas sim dos caprichos dos seus proprios interesses.

Para execução dessas leis, que não exprimem senão a vontade duns certos individuos, empregam-se todas as violencias que caracterizam os barbaros: o sequestro da liberdade e o assassinato.

Tolstoi escreveu algures: "A unica definição, precisa, indiscutivel para todos, que se pode dar á lei, é a seguinte: leis são regras baseadas na violencia organizada que ao homem fazem cumprir sob pena de castigos corporais, sequestro de liberdade e condenação á morte."

EURICO FERREIRA.

Aos trabalhadores do campo

I

Vão amenos os dias, o sol começa a tingir de oiro os campos de esmeralda, e na doce tepidez das tardes primaveris os longos dialogos apetechem...

Jungidos á canga os bois enormes, dum amarelo luzidio, calcam a terra negra das sementieras, olhando-a com uns olhos mansos, grandes e abertos, uns olhos que fazem pena. E' tão linda, assim, a tarde! A magia do quadro prende-te a alma, e tu sentes-te, camponez, esquecido de que és um escravo que o *Senhor* pode surpreender e castigar por este minuto de extasis.

II

Queres ouvir-me?

Vejo que és velho, diz-mo claramente o teu dorso curvado as vincadas rugas das faeas, o andar trémulo e desigual. Há quanto tempo, pobre paria do mundo, regas tu a terra com o

teu suor, creando com amorosos cuidados de mãe o trigo loiro e macio, que trabalhado por outros escravos, outros que vivem longe, nos buracos sinistros das cidades, ha-de alegrar a mesa dos burguezes como um riso vermelho de mulher?

Tu nunca pensaste — pois não? — na dura sina do rural, na tua sina, cavador! sempre jungido á terra, trabalhando de estrêla a estrêla num campo que te não pertence, e donde serás expulso apenas a velhice te torne incapaz do esforço herculeo que demando o amanho da geira ingrata e quantas vezes esteril!

E enquanto tu assim gemes agarrado á rabiça do arado, fecundanda com o teu suor de pária a terra que te não pertence, longe de ti, lá nas cidades onde o oiro corre em rios caudalosos, o teu *patrão* dissipa a vida nos esplendores dos *clubs* e no fausto das amantes caras — sem lembrar-se, o abutre, que anda a espalhar pelo lupanar o oiro arrancado á fome dos teus filhos!

... Se sei a tua historia, cavador! Mas é a minha historia, a historia daquile que ali está a olhar para mim com os olhos espécados como se ouvisse o mais hediondo dos blasfemos, a historia de todos quantos mourejam na mina, no campo e na fabrica. Gastamos a vida a trabalhar, apodrecemos o corpo na atmosfera nauseante de oficinas enfezadas, e sempre vegetamos na miseria, hoje mais pobres do que ontem, amanhã mais miseraveis do que hoje...

Os nossos amos, esses que nada fazem, que não sabem, sequer, o nome das ferramentas que utilizamos, esses vivem em suntuosos palacios, despreocupados e alegres — que o dia de amanhã não os assusta!

... Se sei a tua historia, cavador!

III

A tua cabeça oscila brandamente, e eu vejo que te apercebes desta clamorosa desigualdade, quem sabe se pela vez primeira! Além o sol morre em opulencias de purpura, o horizonte é todo sangue — lembra a agonia ciclópica do povo manietado e sugado por gigantescos abntres... Agora os bois estão práli imóveis, vai pela Natureza um silencio arripiador e frio — é a hora do crepusculo, das sombras negras que evocam os duendes e as almas penadas...

Levantas-te?! Ah, aquele! Curvas a cabeça. Vem dali todo o mal, originariamente vem dali. O padre — é o teu primeiro, o teu mais terrivel inimigo. Aqui no campo fala-te da alma, exalta-te as virtudes da miseria e promete-te o céu como excelsa recompensa. Mas ele não acredita no que diz, tratou já de alargar os seus haveres — tu sabes aquela historia do quinteiro da Ermida, que a tia Joaquina conta, em papeis sonogados á hora da morte, no instante solene e

decisivo da extrema unção, quando a alma se libra, num vôo subtil e largo, para as infindas regiões do azul...

O padre... Também temos disso na cidade, com uma diferença apenas — lá chamamós-lhe deputado e vamos-lhe conhecendo melhor as manhas. O padre das nossas cidades não nos acena com Deus — fala-nos da *democracia*. Não nos promete o céu — garante-nos o direito de nomear os nossos senhores. No fim de contas — os mesmos. E nós que os aturamos!

IV

O sol morreu de todo, meu amigo. Separemo-nos. Longe, na aldeia, a voz do sino lembra o grito aterrador dum fanatico prestes a fazer devorar em chamas sagradas a multidão cada vez maior dos hereticos.

Boa noite, meu irmão!

E que a aurora do novo dia seja a aurora vermelha que alumie a rebelião dos escravos do campo e da cidade contra todos os tiranos que em nome de Deus e da Lei teem perpetuado a desigualdade social!

LUZ AUGUSTO.

Organização operaria

A organização sindical dos trabalhadores constitue o facto culminante na historia social do ultimo seculo. Essa organização tomou, desde os seus primeiros passos, uma orientação marcadamente revolucionaria, bem claramente expressa num dos considerandos da Declaração de Principios dos fundadores da 1.^a Internacional, onde se reconhece, potente a influencia do notavel agitador Miguel Bacounine.

A emancipação do trabalho não é um problema local ou nacional, mas social, atinge todos os países civilizados, necessitando para a sua solução, do concurso teorico e pratico de todos os povos...

Embora anarquistas, ou melhor, por essa mesma razão, não podemos alhear-mo-nos do movimento operario, e se é certo que a pequenez do nosso jornal, acrescida com os longos espaços que medeiam entre a publicação dum a outro numero, nos impedem de acompanhar noticiosamente o movimento associativo, isso não obsta a que publiquemos, sempre que os acontecimentos o imponham, pequenos artigos doutrinaris sobre a marcha irresistivel que leva a classe operaria de todo o mundo a caminho da Revolução!

Em contacto intimo com o operariado, que operarios somos todos nós, sentimos nitidamente as grandes responsabilidades que sobre a massa trabalhadora pesam nesta hora de acção e de labor revolucionarios.

E' para ela que apelamos, e é nos sindicatos operarios, na organização sindicalista revolucionaria, que ainda vemos um dos melhores meios de emancipa-

ção humana — sobretudo se abandonarmos o corporatismo estreito das reclamações de classes e de grupos, tendo sempre presente, como os gigantes da Internacional, "que a emancipação do trabalho não é um problema local ou nacional, mas social, atinge todos os países civilizados, necessitando, para a sua solução, do concurso teorico e pratico de todos os povos..."

Os novos que vivem

Encetará no proximo numero a sua colaboração na *Luz*, um novo, um moço ardente e pleno de fé, que se oculta sob o pseudonimo de *Marine*.

Será estreia dum neófito — aquela crença viva prende e aquece, ilumina e entusiasma. *Marine* é um professor primario, sedento de luz e de ideal, e do reduzido numero de academicos que no Porto abrem o cerebro ás generosas aspirações anarquistas — um dos mais sinceros e dos mais estudiosos, apesar dos seus 18 anos.

Outro moço, Salvaterra Junior, virá dar á *Luz*, brevemente, a magia cintilante do Verbo Cantado.

O poeta gentilissimo da *Bracada de Rosas*, artista de elevada inspiração, trabalha agora num volume de liricas, e dele sabemos que tem no prelo — *Russia!* — um cantico heroico á grande revolução do trabalho!

Lá fóra, nos meios onde se lê e se estuda, a Arte floresce em exuberancias tropicais, e dessa florescencia partilham os meios revolucionarios. Haja em vista Paris com a sua flora infinita de encantadoras e sugestivas revistas — *La Veilleuse*, *La Muse*, *Soi-Même*, *Les Humbles*, *Verbe...* todos de requintado idealismo, e onde, par a par, colaboram os Rivière e os Marcel Sauvage, serenos no ilimitado horizonte da ideia. Aqui, estas questões de Arte deixam-nos frios. Explicasse. *Primum vivere* — dizia o filosofo — depois, e só depois, filosofar... Ora para viver é preciso o pão — e nós ainda estamos no regimen da bolota cozinhada...

Mas *Luz ao Povo*, clarão rubro a tingir de idial a acção proletaria, não pode nem quer abandonar a esfera intensissima da Arte e do Pensamento, e para isso conta com *Marine* e com todos os moços estudantes, que Barbusse, o grande prosador de pena de oiro, vai chamando á luta — e conta tambem particularmente certa, com os operarios de mãos calosas e gesto rude que, como Salvaterra Junior, sabem aliar ás violencias do trabalho manual as suaves doçuras do valor mental.

Os novos... E' deles o futuro — e *Luz ao Povo*, aspiração ardente dum grupo de oprimidos, conta com eles e deles espera a transformação social e moral do mundo burgues na agonia!